



HOMOSSEXUALIDADE EM QUESTÃO: A FORMAÇÃO DAS IGREJAS CRISTÃS INCLUSIVAS EM GOIÁS

THE HOMOSEXUALITY ISSUE: FORMATION OF INCLUSIVE CHRISTIAN CHURCHES IN GOIÁS

Léo Carrer Nogueira *

Universidade Estadual de Goiás – UEG

<https://orcid.org/0000-0003-4199-0461>
leo.carrer@gmail.com

Fagner Alves Moreira Brandão **

Secretaria da Educação de Goiás - SEE-GO

<https://orcid.org/0000-0002-4032-9850>
proffagnerbrandao@gmail.com

RESUMO: Durante vários séculos, a maioria das religiões tem sido responsáveis por reforçar junto à sociedade determinados valores associados aos papéis de gênero e sexualidade. Algumas delas adotam posturas conservadoras em relação a estas questões, contribuindo para o reforço de uma visão negativa a respeito da homossexualidade e sua exclusão do convívio social. Com a modernidade, estas questões têm sido rediscutidas no interior do campo religioso, gerando tensões e conflitos. Neste artigo pretendemos analisar a formação de um novo movimento religioso no seio da chamada “modernidade tardia”: as Igrejas Cristãs Inclusivas. Adotaremos como foco o histórico deste movimento no estado de Goiás e as principais dificuldades que estas Igrejas enfrentam para se consolidarem.

PALAVRAS-CHAVE: Igrejas Cristãs Inclusivas; sexualidade; identidade religiosa; modernidade.

ABSTRACT: For several centuries, religions were responsible for reinforcing in society values associated with gender and sexuality. Many of these, adopt conservative attitudes towards these issues, contributing to the reinforcement of the negative view of homosexuality and its exclusion from social life. With modernity, these issues have been discussed in religions, creating tensions and conflicts. We intend to analyze the formation of the new religious movement in “modernity”: the Inclusive Christian Churches. It’s focused on the history of this movement in the state of Goiás and the main difficulties that these Churches face to consolidate.

KEYWORDS: Inclusive hristian Churches; sexuality; religious identity; modernity.

* Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Goiás (PPGHIS-UEG).

** Mestre em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Docente da Secretaria da Educação de Goiás (SEE-GO).

INTRODUÇÃO

A modernidade tem aberto espaço para novas questões e problemáticas relacionadas à religiosidade. Hoje no Brasil vivemos um momento de profunda pluralidade religiosa, com o surgimento de novas religiões, a reatualização de religiões tradicionais, além de outros processos como hibridismos e misturas que têm levado a inclusão no campo religioso da necessidade de se contemplar questões que antes não existiam (HERVIEU-LÉGER, 2008). Como exemplos destas novas questões, podemos citar a inclusão, no seio religioso, de questões relativas à ordem política, conflitos sociais, além de questões de âmbito pessoal, como os papéis de gênero, sexualidade e outros traços que definem nossa personalidade e contribuem para a formação de uma identidade religiosa.

Um exemplo destas mudanças está na discussão existente hoje no meio religioso quanto à aceitação ou não de determinados comportamentos sexuais. A heterossexualidade é vista como padrão dominante e acaba por excluir o convívio com outras formas de comportamento sexual. A homossexualidade acaba sendo encarada por muitas religiões como “desviante”, “fora do padrão” ou “proibida segundo as leis de Deus”, e pessoas homossexuais são excluídas do convívio religioso; ou então há tentativas de se alterar sua sexualidade, a partir de práticas e tratamentos conhecidos no senso comum sob o nome de “cura gay”. Tudo isso afeta a identidade religiosa destes sujeitos, que se veem tolhidos de exercerem sua sexualidade por um padrão religioso imposto, o que pode gerar angústia e insatisfação.

Por outro lado, dentro do pluralismo religioso existente, começam a surgir religiões que buscam compreender as questões de gênero e sexualidade de uma forma distinta. Novas Igrejas, novos templos e novas formas de se relacionar com a crença que buscam rediscutir os papéis atribuídos ao feminino e às sexualidades desviantes em seu seio, e que promovem um novo debate teológico de revisão das escrituras sagradas e novas formas interpretativas. Distante de certos pontos de vistas presentes nas religiões tradicionais, que partem de uma interpretação literal do texto sagrado, estas novas religiosidades buscam a sua reinterpretação, visando estabelecer novas relações com os papéis de gênero e a sexualidade (RIBEIRO et al, 2012, p.55).

Neste artigo analisaremos um destes movimentos de Igrejas que tem surgido a partir das novas discussões identitárias proporcionadas pela modernidade. O movimento das Igrejas Cristãs Inclusivas é hoje uma realidade no Brasil e em Goiás, e procuram alterar o cenário religioso cristão conservador, inserindo como foco principal a aceitação à

homossexualidade. Podemos perceber este movimento como uma tentativa de determinados segmentos de oferecerem aos seus fiéis um novo serviço religioso, atraindo um público originalmente rechaçado do cristianismo tradicional. Ao mesmo tempo, tais denominações enfrentam dificuldades para se consolidar e acabam muitas vezes sucumbindo diante da forte concorrência com outras estruturas religiosas. Analisaremos, portanto, o histórico de formação destas religiões em Goiás e como elas buscam hoje sua consolidação.

Como metodologia recorreremos inicialmente a pesquisa bibliográfica para a construção da parte teórica e para o registro de informações adicionais a respeito da história das Igrejas Inclusivas de Goiás. Além disso, na coleta de dados, utilizamos também materiais audiovisuais como jornais impressos, reportagens televisivas e depoimentos disponíveis em bibliotecas acadêmicas e bancos de dados digitais, além de trabalhos de conclusão, como monografias e dissertações de mestrado.

Como registros históricos, tivemos acesso a acervos pessoais dos líderes das comunidades, e institucionais, das igrejas cristãs inclusivas. Dessa forma, foi possível selecionar fotos e reportagens que cobriram algumas lacunas temporais. Há, ainda, alguns escritores e pesquisadores que estudaram a história da igreja inclusiva no Brasil e nos Estados Unidos, além de filmes baseados em fatos sobre a propagação da cultura inclusiva nos espaços religiosos.

As entrevistas que compõem esse trabalho aconteceram por meio de encontros entre pesquisador e os pesquisados, sendo alguns presenciais e outros virtualmente, conforme o pedido de alguns dos pesquisados, respeitando as medidas de segurança dos participantes e as determinações dos decretos e notas técnicas governamentais, em virtude do momento de pandemia, decorrente da contaminação pela COVID-19 que estamos vivendo no Brasil. Utilizamos aqui 04 entrevistas¹ com líderes e pastores de algumas das igrejas cristãs inclusivas existentes no estado e que analisam a história de formação destas e suas principais dificuldades enfrentadas hoje.

MODERNIDADE E PLURALISMO RELIGIOSO

As Igrejas Cristãs Inclusivas são um fenômeno típico da chamada “modernidade tardia”, e das características que a acompanham: o pluralismo e a formação de um mercado

¹ Esta pesquisa foi aprovada em comitê de ética, e toda a documentação e autorizações necessárias podem ser consultadas entrando-se em contato com os autores.

religioso, que colocaram em cheque os modos “tradicionais” de se viverem as religiões. Berger (1985, p. 162) explicita que

[...] a crise de credibilidade que acompanha a situação pluralista afeta igualmente a religião: ‘A situação pluralista, ao acabar com o monopólio religioso, faz com que fique cada vez mais difícil manter ou construir novamente estruturas de plausibilidade viáveis para a religião. As estruturas de plausibilidade perdem solidez porque não podem mais apresentar a sociedade como um todo para servir ao propósito da confirmação social. Em termos simples, sempre há ‘todos os outros’ que se recusam a confirmar o mundo religioso em questão. Torna-se cada vez mais difícil para os ‘habitantes’ de um dado religioso permanecer entre nós na sociedade contemporânea’.

Esse pluralismo religioso trouxe, de certa forma, uma crise da credibilidade religiosa e, ao mesmo tempo, levou ao reforço dessa racionalização e burocratização como uma resposta ao mercado religioso, que exigia das igrejas maior organização. Em virtude desse perfil identitário eclesiástico ideal, surge uma competição no cenário plural religioso, com as instituições religiosas agora tendo que adequar o seu produto e discurso religioso às necessidades de cada indivíduo.

Para Hervieu-Léger (2008), essa diversidade religiosa existente fez com que a religião perdesse seu total domínio sobre a sociedade como um todo, tornando-se uma questão de escolha pessoal e particular. Nesse misto de possibilidades religiosas, do tradicional ao moderno, há um certo romper de posturas e condutas sociais, pois a política, a legislação e os fatos sociais acabam corroborando na constituição da identidade dos fenômenos religiosos.

Portanto, o homem não precisa se adequar obrigatoriamente à rigidez normativa de uma religião, ele agora pode escolher, dentre um vasto cardápio religioso, pela religião que mais lhe atenda naquele momento, o que é um fenômeno típico da modernidade tardia, conceito abordado por Antony Giddens (2002, p. 25) para definir as características desse período temporal: “a modernidade é essencialmente uma ordem pós tradicional. A transformação do tempo e do espaço, em conjunto com os mecanismos de desencaxe, afasta a vida social da influência de práticas e preceitos preestabelecidos”. Logo, com a modernidade, houve o rompimento do referencial protetor da pequena comunidade e tradição. Com isso, essas esferas de manifestação da fé são substituídas por organizações maiores e impessoais e o indivíduo se vê privado de apoio psicológico e sentimento de segurança ofertados anteriormente em ambientes mais tradicionais.

Corroborando com Giddens (2002), Hervieu-Léger (2008), em virtude do rompimento com o mundo de tradição religiosa, afirma que se pode compreender que a pluralidade religiosa se constitui como um possível indício de modernidade,

[...] mas, ao destacar essa oposição, provavelmente se toca com o dedo o traço mais fundamental da Modernidade, que é aquele que marca a cisão com o mundo da tradição: a afirmação segundo a qual o homem é legislador de sua própria vida, capaz igualmente, em cooperação com outros no centro do corpo cidadão que com ele forma, de determinar as orientações que pretende dar ao mundo que o rodeia (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 32-33).

Uma realidade plural, agitada, imediatista e diversa faz com que o sujeito social precise se adequar às novas rotinas e novos hábitos e, com sua liberdade religiosa, esse ser pode mudar sua religião a qualquer momento, conforme sua necessidade vai sendo transformada e a religião anterior não mais lhe atende. Nesse sentido, surge, então, a necessidade de produzir, conhecer e comunicar em maior proporção e com mais rapidez. Essa é, de acordo com Hervieu-Léger (2008), a lógica da antecipação, formada no cerne de uma cultura moderna que, estando em um espaço de renovações, é dominada pela racionalidade científica e técnica.

Nesse âmbito, o status social de um indivíduo não está mais ligado à hereditariedade da tradição que carrega o sobrenome de sua família nem à sua tradicional religião. O homem corre contra o tempo para acompanhar o tão sonhado progresso, o que era essencial ontem já não mais tem sentido hoje, porque para o amanhã já se espera uma nova tecnologia, uma novidade da ciência, dentre outras mudanças recorrentes dessa modernidade.

Assim, segundo Hervieu-Léger (2008), as necessidades do homem moderno, passam a ser completamente diferentes das necessidades do homem tradicional dos tempos passados. O que antes era estático, concreto, retilíneo e previsível, agora, na modernidade, torna-se incerto, relativo e mutável a todo instante. Para a socióloga, a modernidade evoca um universo de incertezas, causando um vazio social e cultural nos indivíduos, gerando, assim, esse efeito de instabilidade.

As religiões que existem na sociedade atual, especialmente as cristãs, precisam construir sua identidade para se adaptar às necessidades do homem moderno. Desse modo, a religião pode perder sua falibilidade e sua autoridade sobre o homem, pois ela precisa modificar o seu discurso religioso para alcançar esse indivíduo racional e crítico, que possui novas necessidades que, aliás, estão em constantes transformações. Como consequência

dessas exigências modernas, determinadas religiões acabam se colocando em posição de competição com outras, ofertando soluções e produtos religiosos diversificados.

Por esse ângulo, Hervieu-Léger (2008), afirma que as instituições religiosas não têm mais capacidade de manter seu status de ambiente social e cultural que impõe e regula as crenças e práticas de seus fiéis. Além disso, elas perdem seguidores constantemente, pois esses acabam migrando para outras religiões, a partir de suas necessidades momentâneas. Em razão desse pluralismo que encontramos no campo religioso moderno, podemos perceber instituições religiosas se especializando em determinados segmentos da sociedade.

A oposição entre as contradições do presente e o horizonte do cumprimento do futuro cria, no coração da Modernidade, um espaço de expectativas no qual se desenvolvem, conforme o caso, novas formas de religiosidade que permitem superar essa tensão: novas representações do sagrado, ou novas apropriações das tradições das religiões históricas (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 40).

As novas configurações religiosas constituem novas representações do sagrado, que se apropriam, contudo, das tradições das religiões históricas. Dentro do cristianismo, por exemplo, temos o surgimento do movimento de Igrejas Cristãs Inclusivas, que são igrejas voltadas especificamente para grupos de orientação homossexual. Conforme Musskopf (2013) evidencia em sua reflexão sobre a livre orientação sexual e o conflito com a liberdade religiosa:

Da mesma forma em relação à liberdade religiosa, a livre orientação sexual e a identidade de gênero colocam-se na pauta política e social como uma questão de direitos humanos e constitucionais. O que se tem visto, no entanto, é um aparente conflito colocado entre essas duas questões, especialmente quando se considera o princípio da laicidade do Estado (MUSSKOPF, 2013, p. 166).

Portanto, de acordo com Musskopf (2013), a laicidade garante a liberdade e a diversidade religiosa no Brasil, porém entram em conflito de interesses esses dois campos. Assim, essas instituições constituem uma das faces representativas da modernidade religiosa, uma vez que o indivíduo pertencente ao grupo LGBTQIA+ não tem suas necessidades atendidas pelas igrejas mais tradicionais. Por isso, esse grupo vai em busca de sua liberdade religiosa e seu direito de culto e crença, dando origem a uma nova forma institucional religiosa que lhe atende e lhe acolhe em suas necessidades religiosas.

Nesse sentido, o aspecto mais decisivo para Hervieu-Léger (2008) é a “perda de regulamentação”, que aparece principalmente na liberdade com que os indivíduos constroem seus próprios sistemas de fé. Reconhece-se que esses novos moldes estão fora

de qualquer referência a um corpo de crenças institucionalmente validado. Uma vez que a laicidade se torna um elemento central para a garantia da liberdade religiosa no país, essa mesma liberdade religiosa pode ser ameaçada, na medida em que o Estado tende a afirmar uma religião específica, isso pode determinar e excluir os valores das outras religiões.

No entanto, ao mesmo tempo em que se veem livres para construir seus novos sistemas religiosos, as pessoas se veem presas ainda aos modelos mais conservadores de organizações religiosas. Isto porque, para que consigam se organizar e atrair fiéis, a simples aceitação de identidades consideradas “desviantes” não é suficiente para que sejam frequentadas. Especialmente no seio cristão, tão marcado por aspectos já bastante rotinizados de cultos e ritos, espera-se destas igrejas que elas espelhem o *modus-operandi* das igrejas já consolidadas, passando uma imagem de confiança e familiaridade aos novos fiéis. Este é precisamente o dilema destas novas igrejas inclusivas que surgem. Ao mesmo tempo em que procuram promover uma revitalização da teologia cristã para a aceitação e não condenação da homossexualidade, elas sofrem com a necessidade de se espelharem seus ritos nos movimentos mais conservadores do cristianismo, como poderemos perceber ao longo de nossa análise.

HISTÓRIA DAS IGREJAS CRISTÃS INCLUSIVAS EM GOIÁS

A nova vertente religiosa do segmento cristão, movimento denominado aqui no Brasil de “igrejas inclusivas” teve como nascedouro os Estados Unidos da América em 1968. Vamos partir desse princípio para entendermos a chegada desse segmento religioso ao Brasil e depois ao estado de Goiás. De acordo com o pesquisador Alexandre Feitosa (2018, p. 19), o precursor das igrejas cristãs inclusivas no mundo foi o reverendo Troy Perry Jr, nascido em 27 de julho de 1940. Após diversas frustrações em sua vida religiosa e pessoal, provocadas por não se encaixar nos moldes tradicionais da fé cristã, Troy Perry se sentiu impulsionado a retomar a vocação sacerdotal e decidiu se debruçar sobre os estudos da teologia para encontrar uma maneira para que ele e seus amigos homossexuais pudessem exercer sua fé livremente. Surgiu, então, a inspiração para iniciar um movimento cristão com o objetivo de acolher a comunidade Gay, do qual nasceria a Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM), fundada no ano de 1968.

A Igreja da Comunidade Metropolitana é uma comunidade religiosa que nasceu com características litúrgicas tradicionais dos Estados Unidos e, à medida em que vem se difundindo pelo mundo, apropria-se de características do contexto em que está sendo inserida. Desse modo, a origem do movimento de igrejas cristãs inclusivas tem aspectos

semelhantes às vertentes evangélicas protestantes americanas, que defendiam a inclusão dos homossexuais. A vertente religiosa nasceu a partir de um cenário cristão tradicional nos Estados Unidos em relação à inclusão e à exclusão dos homossexuais que viviam dentro das comunidades (NATIVIDADE, 2016).

A ICM veio para o Brasil nos anos 2000 e ficou sendo a pioneira em nosso país. Hoje a ICM Brasil conta com 16 templos distribuídos em 15 estados brasileiros. Em entrevista ao Jornal *El País*, Marcelo Natividade (2016, s/p.) afirma que “as igrejas inclusivas chegaram no Brasil no início dos anos 2000 e nos últimos dez anos não pararam de aumentar em número”.

Na página oficial da Igreja Comunidade Metropolitana no Brasil, há apontamentos sobre sua história no país. Segundo registros,

[...] a ICM começou a sua atividade no Brasil em maio de 2004. Quer dizer, assim dizem os documentos escritos, as matérias jornalísticas, as atas fundacionais da primeira ICM, a do Rio. Mas, de fato, maio de 2004 foi apenas um “start” oficial de um movimento espiritual que já vinha ensaiando sua presença no Brasil há alguns anos (ICM Rio, s/d., s/p.).

Marcelo Natividade (2016), na entrevista ao jornal *El País*, também informa que, antes da ICM se estabelecer, havia outros movimentos importantes para o cenário cristão inclusive em concomitância.

Na década de 1990, o pastor Nehemias Marien aceitava homossexuais em sua Igreja Presbiteriana Bethesda, em Copacabana. Depois ele acabou sendo expulso da congregação, sua igreja fechou anos depois e só nos anos 2000, uma movimentação que trouxe a ICM para o Brasil deu início à abertura de igrejas inclusivas. Só de dez anos para cá que elas aumentaram significativamente em número. Hoje, há várias delas (NATIVIDADE, 2016, s/p.).

Segundo Natividade (2016), no Brasil, em 2002 começaram a surgir ramificações de igrejas cristãs inclusivas e a segunda pioneira foi a Igreja Acalanto. Essa instituição religiosa inclusiva foi fundada pelo pastor chileno Victor Orellana, naturalizado brasileiro há mais de 27 anos, que era Teólogo formado pelo Instituto Betel, com Especialização em Ciência e Religião. A Acalanto foi estabelecida na tradição cristã da Igreja Metodista de São Paulo, no entanto, o pastor Victor Orellana foi ordenado pela Igreja Assembleia de Deus. Logo depois diversas outras instituições e ramificações começaram a aparecer em diversos estados do Brasil.

Fruto deste movimento de Igrejas Cristãs Inclusivas surgido nos EUA, Goiás conta hoje com aproximadamente 11 instituições religiosas denominadas igrejas inclusivas,

que estão presentes na capital, Goiânia, e nas cidades de Aparecida de Goiânia, Anápolis e Luziânia. A maioria delas se situa nas vertentes neopentecostal e cristã protestante.

Mas desde a década de 1980, Goiás contou com inúmeras outras denominações religiosas anteriores que, embora não se denominassem ainda como Igrejas Inclusivas, tinham uma aceitação do público homossexual. A primeira Igreja que se denominava como Cristã Inclusiva em Goiás foi a Igreja Nação Ágape, surgida em 2007. No entanto, anteriormente a esta “nova onda” de Igrejas Inclusivas, existiu em uma cidade no interior de Goiás uma Igreja da vertente Anabatista que fez um importante trabalho em prol da aceitação da homossexualidade em seus cultos. Trata-se da Igreja da Irmandade Tunker, fundada e presidida pelo Pastor Onaldo, na cidade de Rio Verde.

Resgatar a história da Igreja da Irmandade se torna primordial para compreendermos o que consideramos como o precursor do movimento de Igrejas Inclusivas que surgiria no Brasil a partir dos anos 2000. Na década de 1980, Pastor Onaldo já gerava debate em torno da questão da homossexualidade no seio do cristianismo ao pregar a aceitação de homossexuais e celebrar uniões homoafetivas. Segundo o pastor, a igreja teria funcionado de forma independente até 1985, quando ele então recebe o reconhecimento oficial da Igreja da Irmandade Tunker, dos EUA:



Em 1977 iniciamos a Igreja da Irmandade Tunker, na cidade de Rio Verde (Goiás). Esta igreja era ligada a uma matriz que tem sede nos Estados Unidos. Eu comecei a Igreja da Irmandade Tunker, por minha conta em 1977, sem pedir a permissão deles, porque sabia que eles não tinham interesse em uma missão aqui no Brasil. Depois de funcionar por um longo tempo, eu fui atrás de buscar a aceitação e o reconhecimento deles (PEREIRA, 2020, s/p).

Até a década de 1990 tal igreja passou despercebida no Brasil. Foi em 1994 que ela ganhou notoriedade quando o Pastor Onaldo foi até Salvador (BA) e realizou o casamento de cinco casais homoafetivos, conforme esclarece Feitosa (2018, p. 33):

1994 - Em abril, o pastor Onaldo Alves Pereira, da Igreja da Irmandade, realizava o casamento de cinco casais homoafetivos, em Salvador-Ba. O casamento foi noticiado pelo jornal Folha de São Paulo em 29 de abril do mesmo ano. Na ocasião, Pereira afirmou: “nós pregamos o amor acima de tudo. Nós não chamamos a união de homossexuais de casamento. O nome que damos é bênção. Nós não somos uma Igreja Gay. Apenas concordamos com essa união. Nos EUA há outras linhas que também admitem o casamento homossexual”.

Esse ato da Igreja da Irmandade ganhou visibilidade na mídia nacional e trouxe várias perseguições ao pastor e ao movimento. De acordo com Feitosa (2018, p. 33),

“como resultado do casamento em Salvador, [Pastor Onaldo] foi ameaçado de morte em Rio Verde e teve sua casa apedrejada 14 vezes em um ano, por grupos pentecostais e católicos carismáticos”. Por causa da notoriedade, excesso de perseguições e polêmicas, pastor Onaldo acabou sendo expulso da Igreja da Irmandade, relatando desta forma o fato ocorrido:

Após cerca de uma semana eu acordei com uma serenata na minha janela, eram pessoas cantando hinos da harpa/cantor cristão, era até aquele hino que diz “mais alvo que a neve”, era cerca de 04h da madrugada. Acordamos e abrimos a janela de casa para apreciar a serenata. Mas de repente, começaram a jogar pedras contra nós, nós nos deitamos no chão e esperamos eles pararem. Durou cerca de 1 hora, eles cataram, oraram, expulsaram os demônios e foram embora, descobrimos que eram um grupo evangélico (PEREIRA, 2020, s/p).

A Igreja da Irmandade Tunker exerceu suas atividades e militância na cidade de Rio Verde, no estado de Goiás, de 1985 até 1995, assim o movimento se encerrou em Goiás em 1995 e em outros estados do Brasil em 1996, conforme relata o próprio pastor:



A Marina Santana era vereadora em Goiânia pelo PT, ela ficou sabendo o que eu estava passando e enviou um diretor do sindicato dos radialistas para vir me visitar e ver como poderiam me ajudar. Vendo a minha situação e minhas necessidades daquele momento, ela me levou para Goiânia junto com meu filho, ali ela alugou uma casa em Goiânia e nos colocou dentro. Com isso eu fechei as atividades da Igreja da Irmandade em Rio Verde, até porque já tinha acabado, não restava mais muitas pessoas mesmo (PEREIRA, 2020, s/p).

A Igreja da Irmandade era uma comunidade pequena com poucos adeptos que tinha maior exercício ligado às militâncias políticas e sociais das causas LGBTQIA+. Na mesma entrevista o pastor explicitou que a igreja chegou, por um determinado momento, a conquistar uma expressão relevante diante da sociedade de Rio Verde:

Chegamos a construir um templo na cidade, realizamos casamentos, conseguimos parcerias para um trabalho totalmente ecumênico. Tínhamos cerca de 150 a 200 membros em comunhão com a irmandade. Nossa igreja da Irmandade tinha tantos membros heterossexuais quanto membros homossexuais, mas sempre contamos a presença de mais membros héteros que homossexuais (PEREIRA, 2020, s/p).

Embora a Igreja da Irmandade, nas décadas de 1980 e 1990, não carregasse esse rótulo de identificação como sendo inclusiva, já inseria homossexuais na igreja sem preconceito, sendo esse movimento considerado um dos precursores para o nascimento das igrejas inclusivas em Goiás. Em entrevista, o pastor Onaldo, quando perguntado sobre se considerar um precursor do movimento de igrejas inclusivas em Goiás, responde:

Acredito que a Igreja Cristã Inclusiva não tenha uma conexão direta ao nosso trabalho da Igreja da Irmandade, embora alguns tiveram contato conosco. Não conheci os líderes dos movimentos de igrejas cristãs inclusivas que vieram para Goiás e nunca fui procurado por eles. Mas acredito que o nosso trabalho de lutas, perseguições e conquistas tenha sido uma motivação e uma influência para as demais existirem (PEREIRA, 2020, s/p).

Pastor Onaldo acredita que tem sido inspiração ou estímulo para alguns líderes, mas ainda não consegue enxergar uma ligação destas igrejas com o movimento que ele teve na década de 1990, pois são de características bem diferentes daquele que foi iniciado por ele. No entanto, ele reconhece que tem o mesmo objetivo de acolher homossexuais sem preconceito e levá-los até Deus.

Alguns anos depois deste episódio, houve o movimento da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB), por meio da Paróquia São Felipe, situada na cidade de Goiânia, tendo como líder religioso o Reverendo Elias Vergara. Esse segmento veio para o Brasil há cerca de 120 anos e está presente em Goiás desde 2000.

Assim, percebemos que a IEAB é uma igreja de linha histórica dentro da vertente Anglicana no Brasil e em Goiás. A IEAB é ao mesmo tempo católica e protestante, caracterizando o que eles mesmos definem como anglo-católicos. A IEAB tem como marca a luta constante pelos direitos humanos e participação histórica nas militâncias que envolvem a dignidade humana. Sempre declarou não ser uma igreja exclusivamente homossexual, e sim uma igreja aberta a todas as pessoas, mas com a abertura para se dialogar com as pessoas homossexuais e acolhê-las como membros de suas comunidades (BARBOSA, 2011).

O reverendo Elias Vergara, em Goiânia, abriu a pastoral da diversidade sexual que se reunia mensalmente em um espaço neutro, fora do templo, para discutir sobre os diversos temas que envolvem a sexualidade. Tendo como umas das principais ênfases a sexualidade LGBTQIA+, essas rodas de conversas proporcionaram a inserção e o acolhimento de frequentadores e membros do público LGBTQIA+.

Essas pastorais ganharam espaço e chegaram a ter publicações e participações em eventos sobre essa mesma temática. A IEAB, em 3 de julho de 2018, decidiu votar no sínodo geral sobre a liberação do casamento de pessoas do mesmo sexo que, com maioria dos votos a favor, foi aprovado e autorizado a todas as IEAB. Segundo o jornal GUIAME (2018), antes dessa decisão considerada histórica, a IEAB aprovou também a ordenação de mulheres para exercerem o ofício de ministras e sacerdotisas, assim como também houve a aprovação para a ordenação de pessoas assumidamente homossexuais a esses ofícios. Esse

movimento também pode ser considerado dentre os precursores da inclusão de pessoas do público LGBTQIA+ na participação da vida religiosa das comunidades cristãs de Goiás.

Estas podem ser consideradas como precursoras das Igrejas Cristãs Inclusivas, que surgiriam de forma oficial no estado a partir de 2008, com a fundação do Ministério Nação Ágape, considerada a primeira igreja declaradamente Cristã Inclusiva de Goiás, fundada pelo pastor Patrick Henrique Bonfim. A Nação Ágape tinha como sede a cidade de Brasília (DF), desde 2006. Em Goiânia, o ministério tinha um grupo filial. Esse grupo obteve grande expressão dentro dos movimentos de militâncias LGBTQIA+, chegando a realizar casamentos gays na parada LGBTQIA+ de Goiânia e em boates gays. No entanto, passou por uma dissolução e, por isso, surgiu uma nova igreja. A Nação Ágape realizou ainda outras tentativas sem muito sucesso de se restabelecer em Goiânia nos anos seguintes.

Em 2008 surgia também a Igreja Renovada Inclusiva da Salvação (IRIS), fundada pelo pastor Edson Santana do Nascimento, podendo ser considerada a segunda igreja cristã inclusiva de Goiás. Na época, a IRIS ficou conhecida pela grande participação de seu fundador nas lideranças de ONGs em prol dos direitos LGBTQIA+ de Goiás, pois ele atuou lado a lado na organização e apoio das Paradas do Orgulho LGBTQIA+ de Goiânia, entre outras cidades do estado de Goiás.

Um fator interessante a ser mencionado é o de que foi na IRIS que ocorreu a pioneira ordenação de mulher transexual ao sacerdócio, quando em 2009 foi ordenada Karla Bianca como a pastora auxiliar da comunidade. A Igreja IRIS atua hoje na cidade de Goiânia e em Aparecida de Goiânia, embora não possua templo e endereço fixo.

Em 2010, a Comunidade Athos de Brasília, por meio do pastor Ivaldo Gitirana, da pastora Márcia Dias e do presbítero Alexandre Feitosa, estabeleceu contato com um grupo de jovens (Fagner Brandão, Osvaldo Jefferson, Ricardo Ribeiro e José Ricardo) que pediram uma igreja na cidade de Goiânia com visão semelhante (FEITOSA, 2018, p.51).

QUADRO 1. Igrejas Cristãs Inclusivas extintas em Goiás

Nº	Denominação	Vertente	Cidade	Período	Fundadores
1	Igreja da Irmandade Tunker	Anabatista	Rio Verde	1977-1996	Pr. Onaldo
2	Igreja Nação Ágape	Cristã: ecumênica	Goiânia	2007-2008	Pr. Patrick
3	Igreja Catedral Inclusiva	Protestante: pentecostal	Goiânia	2011-2012	Pr. Orion
4	Comunidade Cristã	Protestante:	Goiânia	2010-2015	Pr. Fagner Brandão

	Athos e Vida	neopentecostal			e Pr. Osvaldo Jefferson
5	Comunidade Família Cristã Athos	Protestante: tradicional	Goiânia	2011-2011	Pra Márcia Dias e Pr. Ivaldo Gitirana
6	Igreja Caminho da Inclusão	Protestante: neopentecostal	Goiânia	2015-2018	Pr. Fagner Brandão e Pr. Osvaldo Jefferson
7	Igreja Templo de Adoração	Protestante: pentecostal	Goiânia	2012-2012	Carlos Neves e Henrique
8	Igreja Cristã Conquista Plena	Protestante: tradicional	Goiânia	2013-2020	Pr. José Ricardo Souza
9	Comunidade Cristã Athos e Vida	Protestante: neopentecostal	Anápolis	2014-2015	Pr. Fagner Brandão e Pr. Osvaldo Jefferson
10	Comunidade Cristã Aprisco	Protestante: neopentecostal	Anápolis	2016-2017	Pr. Rafael Mendes
11	Comunidade Viver em Cristo	Protestante: pentecostal	Anápolis	2015-2016	Pb. Diones e Rafael Mendes
12	Igreja Anglo – Católica de Anápolis	Católica - Anglicana	Anápolis	2016-2020	Pe. Rafael Mendes e Pe. Eudlon Bertoni
13	Comunidade Cristã Athos e Vida	Protestante: neopentecostal	Aparecida de Goiânia	2013-2015	Pr. Fagner Brandão e Pr. Osvaldo Jefferson
14	Igreja Cristã Inclusiva	Protestante: pentecostal	Aparecida de Goiânia	2019-2019	Pr. Marcelo Reis e Pr. Evanilson
15	Igreja Jesus Cristo é o Amor- Ministério Ágape	Protestante: pentecostal	Aparecida de Goiânia	2019-2020	Pr. Evanilson e Pra. Rejane

Fonte: Dados coletados e organizados por Fagner Brandão em trabalho de campo, 2020.

Desse modo, em 2010 surgiu a Igreja Athos & Vida, fundada pelos pastores Osvaldo Jefferson e Fagner Brandão, e os jovens Ricardo Ribeiro e José Ricardo que atuaram na diaconia da comunidade na época. A Comunidade de fé ficou conhecida no estado de Goiás como Athos & Vida e instalou templo, com endereço fixo, no setor Campinas da cidade de Goiânia (FERREIRA, 2016, p. 42).

Em 2013, a igreja contava com cerca de 160 membros e possuía 3 templos no estado de Goiás, sendo a sede em Goiânia e uma filial na cidade de Aparecida de Goiânia e outra em Anápolis. O grupo era atuante, participava efetivamente nas paradas do orgulho LGBTQIA+ da cidade, em que se instalaram fazendo um trabalho de divulgação desse espaço para acolhimento do público e manifestando em prol dos direitos do cristão gay em Goiás. Além disso, outro aspecto importante, que era marca da instituição, eram os trabalhos de ação social, com distribuição de cestas básicas e assistência a pessoas carentes,

bem como a divulgação de vagas de emprego conforme o perfil de cada indivíduo que necessitava desse auxílio.

O pastor Osvaldo Jefferson esclarece que “no dia 1º de março de 2015, a Igreja Athos & Vida passou por mudanças e decidimos dar novos rumos ao ministério e nos tornamos Igreja Caminho da Inclusão” (FERREIRA, 2016, p.42). Como Caminho da Inclusão, a instituição teve um novo formato de trabalho, abraçando ainda mais a ação social de ajuda a moradores de rua e famílias homoafetivas em situações carentes. A Igreja Caminho da Inclusão esteve em funcionamento até fevereiro de 2018, encerrando, assim, de uma vez por todas as atividades do ministério Athos & Vida e Caminho da Inclusão em Goiás. Nesse movimento de desvinculação eclesial com a Igreja Athos & Vida, a partir de 2012 houve o surgimento de diversas denominações cristãs inclusivas, algumas delas com existência bastante efêmera (Quadros 1 e 2).

QUADRO 2. Igrejas Cristãs Inclusivas em funcionamento em Goiás até 31/12/2020

Denominação	Vertente/Movimento	Cidade	Fundadores	Liderança em 2020
1. Igreja Ministério Vida	Protestante: Neopentecostal	Goiânia	Pr. Agenor e Pr. Marcelo	Pra. Roberta e Pb. George
2. Comunidade Cristã Renascer	Protestante: Calvinista	Goiânia	Pra Mônica Souza e Pr. Samir Salomão	Pra Mônica Souza e Pr. Samir Salomão
3. Igreja Metodista – Includos Pela Graça	Protestante: Histórica - (Igreja Reconciliadora)	Goiânia	Pr. Marvel Souza e Pr. Raphael	Pr. Marvel Souza e Pr. Raphael
4. Igreja Anglicana do Brasil – Paróquia São Filipe	Anglicana e Católico Includem LGBTQIA+.	Goiânia	Rev. Elias Meyer Vergara	Rev. Isaias Torquato
5. Igreja <i>Fire Church</i>	Protestante: Neopentecostal	Goiânia	Fernando Palma	Fernando Palma
6. Igreja Metodista – Includos pela Graça	Protestante: Histórica - (Igreja Reconciliadora)	Luziânia	Pr. Marvel Souza e Pr. Raphael	Pr. Marvel Souza e Pr. Raphael
7. Igreja Renovada Inclusiva da Salvação	Protestante: neopentecostal	Aparecida de Goiânia	Pr. Edson Santana	Pr. Edson Santana

Fonte: Dados coletados e organizados por Fagner Brandão em trabalho de campo, 2020.

Diante do exposto, notamos que algumas igrejas cristãs inclusivas tiveram uma vida breve, ou seja, de acordo com a análise dos relatos, percebemos que elas abrem e fecham em pouco tempo, pelo menos no que diz respeito ao estado de Goiás. Isso nada mais é do que um reflexo da própria modernidade tardia, em que essas instituições se veem em plena concorrência dentro do cenário do mercado religioso, competindo, assim, com as

igrejas cristãs tradicionais que muitas vezes possuem grandes estruturas e culturas religiosas consolidadas.

AS IGREJAS CRISTÃS INCLUSIVAS HOJE

A partir de agora, vamos dialogar sobre alguns pontos relacionados a como as igrejas cristãs inclusivas em Goiás se inserem na modernidade e como são afetadas por ela no processo de construção de sua identidade. De acordo com o que havia sido observado por Ferreira (2016, p. 53):

[...] a igreja inclusiva encerra embates dentro de seu próprio ‘campo’ religioso inclusivo para poder tornar-se firme entre os seus – como discordâncias de comportamento, tensões, conflitos, dissidências que vão formando outras pequenas comunidades, dispersas. Ao que podemos inferir, desfazem qualquer forma de se fortalecerem no campo religioso, como igreja inclusiva em busca de se estabelecerem neste campo religioso, assim, observamos até o presente momento.

Ferreira (2016) concluiu, em sua análise, que existiam adaptações dentro do campo religioso inclusivo de Goiânia, se referindo aos embates internos e discordâncias de pensamentos e comportamento, que acabavam sendo os pontos geradores de dispersão dos fiéis bem como das famosas dissidências, ou seja, rompimentos de líderes e surgimento de outras denominações religiosas a partir dessas fragilidades.

Nesse sentido, buscamos iniciar um diálogo acerca daquilo que pudemos observar nessa construção de identidade e solidificação das igrejas Inclusivas. Alguns desses pontos foram notados também pelos próprios entrevistados, que admitem estar trabalhando nisso como um ponto de ação em suas instituições. Algumas das questões levantadas foram: Quais são os motivos que levam as igrejas inclusivas a estarem nesse movimento de “abre e fecha”? Por que algumas comunidades rejeitam determinadas pessoas/identidades do grupo LGBTQIA+? O discurso teológico é frágil? A identidade está em construção? O termo Igreja Inclusiva está em desconstrução ou já está solidificado?

Na entrevista concedida por Onaldo Pereira (2020, s/p), o pastor da extinta Igreja da Irmandade Tunker menciona o seguinte:

Acho que as igrejas inclusivas são um movimento muito dividido e isso é um testemunho ruim para o próprio movimento, é muito personalizado, cada pessoa fundando a sua igreja a redor de si mesmo. É uma replicação das igrejas tradicionais evangélicas, tentando traduzir o evangelho tradicional para acolher os gays e lésbicas.

Segundo Pereira (2020), as Igrejas inclusivas estão ainda muito segregadas, não conseguem trabalhar em unidade e parceria e, por isso, não conseguem se solidificar. Para ele, são movimentos que personalizam demais a comunidade, buscando ser diferentes, sendo assim, não se juntam em propósitos e repetem as mesmas fragilidades das igrejas evangélicas tradicionais. Onaldo Pereira (2020, s/p), acerca disso, faz uma observação: “Tem muito a questão do ranço dos evangélicos que quando se começa a crescer, vem alguém e rompe com o líder e abre uma nova denominação”. Tal constatação por parte do pastor demonstra que, assim, essas instituições apenas copiam os métodos das igrejas tradicionais e adaptam o evangelho para a aceitação dos homossexuais.

Do mesmo modo, Mônica Souza (2020b, s/p) reflete que “não temos um modelo específico, temos muita dificuldade hoje porque cada membro que chega tem em sua bagagem um ideal de igreja que ele traz consigo mesmo”. Para a pastora, isso é um incômodo para a formação da identidade das igrejas inclusivas, pelo fato de que cada pessoa que chega para se tornar membro tem um ideal de igreja em sua mente e deseja replicar esse ideal na nova estrutura que passa a pertencer.

Nesse sentido, tanto para Onaldo Pereira como para Mônica Souza (2020b), as igrejas inclusivas acabam se tornando uma cópia das estruturas religiosas evangélicas tradicionais, repetindo as doutrinas, os dogmas, as liturgias e os mitos, e, em seu contexto específico, apenas inserindo a aceitação dos homossexuais em seus discursos, apropriando-se das interpretações da teologia inclusiva. Em concordância com isso, Edson Nascimento (2020, s/p), pastor da Igreja IRIS, também afirma: “Vejo dentro das igrejas Cristãs inclusivas um espelho de exclusão idêntico ao das igrejas evangélicas”. Para ele, as Igrejas Inclusivas se tornam espelho, ou seja, cópias, reflexos das igrejas evangélicas, opinião que vai ao encontro dos pontos de vista de Pereira e Souza.

Nesse mesmo sentido, o pastor Marvel Souza, da Igreja Metodista IPEG, também concorda com esse ponto de fragilidade apontado pelos outros três entrevistados. Para ele, as igrejas Inclusivas trazem características como heranças das igrejas evangélicas tradicionais:

Existe um medo de perder os membros, para isso ocorre um distanciamento, uma ausência de parceria e amizade. É muito prejudicial para todos nós cristãos das igrejas de inclusão plena, ou igreja inclusivas. Nós poderíamos ter um poder muito significativo no país, no potencial econômico e político para interferirmos na sociedade, para ganhar mais visibilidade e lutar pelos nossos direitos se fôssemos mais unidos e tivéssemos mais amizade e intercâmbio entre as igrejas, que acaba sendo uma característica herdada das igrejas evangélicas tradicionais (SOUZA, 2020a, s/p.).

Segundo Marvel Souza (2020a), os aspectos herdados, copiados ou repetidos das igrejas Evangélicas Tradicionais são como reflexos nas identidades das igrejas Inclusivas, que acabam se formando como posicionamentos negativos, que geram consequências e fragilidades. Marvel detalha pontos de fragilidade, como as disputas por fiéis, que formam barreiras de inseguranças e medos, transpostos entre as denominações, impedindo-as de se unirem e fazerem algum trabalho em parceria. Ele aponta que, se não fosse assim, as igrejas Inclusivas poderiam estar mais à frente e mais fortalecidas em suas conquistas na sociedade. Edson Nascimento (2020) complementa ainda dizendo que até mesmo os defeitos e as deficiências estão sendo repetidos e isso tem trazido dificuldades para essas novas comunidades.

Sendo assim, podemos perceber que as igrejas Cristãs Inclusivas ainda são reflexos ou cópias dos moldes de igrejas tradicionais, por serem pioneiras no modelo de inclusão e não terem um modelo pronto para ser seguido e estabelecido como padrão. Assim, são induzidas, pelas tradições dogmáticas e culturais trazidas pelos seus participantes, a repetirem mecanicamente aquilo que aprenderam outrora, nas estruturas tradicionais. Nesse contexto, essas comunidades demonstram um receio em ousarem ser diferentes em suas organizações, pela possibilidade de não serem aceitas pela sociedade ou até mesmo pelos próprios membros. Sendo assim, consideram que seja confortável se parecer ou se identificar com um molde tradicional e já aceito socialmente.

Nessa perspectiva, Edson Nascimento (2020, s/p) também diz que “as pessoas, por pensarem diferente, começam dentro do mesmo espaço a diminuir e segregar e promover divisões dentro dos ministérios”. Ou seja, essas deficiências, como não tolerar o pensar diferente, promovem o desrespeito e a discórdia, gerando as dissidências nas igrejas inclusivas. Para ele, “precisamos aprender a conviver com essas diferenças ou não seremos de fato inclusivos” (NASCIMENTO, 2020, s/p). O pastor afirma, então, que a Igreja Inclusiva precisa aprender o que é de fato conviver com a diferença e a diversidade do ser humano. Nascimento (2020) diz que essas fragilidades, como a divisão, por exemplo, acabam proporcionando o afastamento de pessoas das igrejas inclusivas, gerando o sentimento de falta de credibilidade. Como consequência, as pessoas se machucam, não querendo mais pertencer aos movimentos de igrejas inclusivas.

Nesse mesmo sentido, Nascimento (2020 s/p.) aponta que “as igrejas inclusivas não têm sobrevivido e vivem um verdadeiro movimento de “abre e fecha”, por conta da falta de respeito do conviver com os pensamentos diferentes... Ninguém sobrevive sozinho”. Segundo ele, as igrejas inclusivas em Goiás não têm continuado em

funcionamento, iniciam seus trabalhos e rapidamente os encerram. Os motivos para isso são as dificuldades em conviver com as diferenças entre si. Concordando com Nascimento (2020), a pastora da Comunidade Renascer, Mônica Souza (2020b) também afirma que as igrejas inclusivas abrem e fecham de forma muito rápida.

Tais apontamentos levam a um questionamento: Quais seriam esses motivos que fazem com que as igrejas inclusivas em Goiás não permaneçam em funcionamento e sobrevivam por tão pouco tempo?

Marvel Souza (2020a) indica que dentre os motivos do “abre e fecha” estão a falta de embasamento teológico forte e os pastores despreparados. Ele esclarece que o início foi motivado por um momento de explosão e sucesso, que levaram as pessoas a abrirem diversas igrejas. Porém, com o passar do tempo, essas mesmas pessoas, que não tinham um preparo adequado, não conseguiram permanecer nas instituições. Mônica Souza (2020b, s/p.) concorda com Marvel ao expressar: “A falta de preparação do conhecimento teológico, doutrinário, administrativo... Há uma rotatividade dos membros nas igrejas inclusivas... vão fazendo o rodízio”. Para ela, então, para além das questões teológicas e administrativas, há também a rotatividade dos membros como um problema.

Para o reverendo, as igrejas inclusivas não permanecem em funcionamento por motivos importantes, como a falta de um órgão, como uma convenção solidificada, que organize a unidade e estabeleça parceria entre essas igrejas. Além disso, ainda existem, para ele, muitos líderes querendo ter autoridade e poucas pessoas para serem de fato lideradas. Outro problema que se coloca em questão é a falta de uma teologia mais aprofundada e fortalecida que possa dar a base sólida a essas igrejas inclusivas. Em várias das manifestações de pastores que fecharam igrejas, foram citados problemas financeiros e/ou estruturais como motivador para o fechamento, além da falta de preparo dos líderes. Nesse contexto, o reverendo destaca que esses aspectos podem ser percebidos facilmente durante os cultos, as pregações e as exposições da bíblia, que são geralmente fracas, rasas, do ponto de vista teológico, além das liturgias confusas, sem uma organização lógica.

Na verdade, até existe uma organização que tenta unir e dar apoio às Igrejas Cristãs Inclusivas no Brasil. Trata-se do Conselho Nacional de Igrejas Inclusivas, o CONII, que tem como representante no Centro-Oeste a pastora Mônica Souza (2020b, s/p). A existência deste CONII é recente, porém ele tem a missão de lutar pela visibilidade e representatividade das Igrejas Inclusivas no Brasil. As discussões para a criação de um conselho das Igrejas Inclusivas se iniciaram em 2011 e foram retomadas em 2016, com a criação de uma organização inter denominacional que reunia lideranças inclusivas de todas

as regiões do país, sendo denominado inicialmente como Mover Inclusivo Brasil (FEITOSA, 2018, p. 54). Após a criação do estatuto, esta organização passou a se chamar Conselho Nacional de Igrejas Inclusivas, o atual CONIL.

Contudo, ainda que exista um órgão que pretende unir as igrejas, podemos perceber pela fala dos entrevistados que essa união não se dá na prática. Mesmo existindo uma convenção, ela ainda não conseguiu seu objetivo de unir as várias denominações, algo que é bastante comum em diversas outras religiões. A simples existência de um órgão, portanto, não é garantia de que ele irá conseguir efetivar a união entre as igrejas.

Isso abre portas para outra reflexão: por que não se consegue essa união? Uma das explicações está na própria fala dos entrevistados: o fato de cada líder ter uma ideia de igreja para si próprio, que pode não ser a mesma dos outros. Como não há um modelo litúrgico único, um manual que diga como as igrejas devem ser organizadas, cada líder religioso quer organizar a igreja conforme suas próprias ideias. Isso pode, como consequência, entrar em contradição com um determinado órgão normatizador e centralizador. Os líderes, por sua vez, não parecem estar dispostos a aceitarem as normatizações de um órgão.

Outro ponto que gerou uma forte discussão foi o termo “igrejas inclusivas” e o seu real significado no Brasil. Essas discussões nortearam fragilidades reais e palpáveis do cenário atual, que ainda está em construção, e apontaram caminhos que a Igreja Inclusiva tem tomado para sua identidade institucional e histórica no futuro. De acordo com a pastora Mônica Souza (2020b, s/p), “temos discutido o termo inclusão, ou igreja inclusiva, justamente por conta de muitos escândalos por parte de líderes que tem se levado a questionar o termo inclusivo”. Ela relata que os termos “Inclusão” e “Igreja Inclusiva” se estabeleceram como motivo para debate por parte dos líderes eclesiais por conta da quantidade de problemas que a igreja tem sofrido, como, por exemplo, escândalos, falhas e erros de líderes e igrejas que fazem com que o termo seja questionado. Sobre isso, o pastor Edson Nascimento (2020) aponta que o termo “inclusivo” tem sido retirado até mesmo dos nomes fantasias e das razões sociais das igrejas inclusivas em Goiás e no Brasil.

Com base nas entrevistas, podemos inferir que isso acontece porque o rótulo de Igreja Inclusiva acabou ficando marcado para a sociedade como sinônimo de “Igreja Gay”, o que prejudica a construção de uma visão positiva a respeito dessas igrejas, além de afetar o angariamento de mais fiéis. A adoção do termo, nesse sentido, traz desvantagens e debilita as igrejas no mercado religioso, por isso, algumas dessas instituições estariam deixando de utilizá-lo. Por outro lado, essas comunidades vivem um paradoxo, uma vez

que retirar totalmente o rótulo de igreja inclusiva pode levar a equívocos por parte de membros que os procuram sem saber que se trata de uma igreja inclusiva. Nessas circunstâncias, ao descobrir que se trata de uma denominação com essa carga ideológica, o indivíduo pode se decepcionar, causando transtornos à comunidade. Como consequência, o termo “inclusiva” acaba não conseguindo abarcar, em sua totalidade, a inclusão plena que ele significaria.

De acordo com o pesquisador André Musskopf (2002, p. 239),

[...] a própria expressão “igreja gay”, além de não ser usada por estes grupos, não reflete sua proposta de “ser igreja”. Outros preferem definir como organizações inclusivas, no sentido de serem abertas a todas as pessoas, especialmente aquelas que se sentem “excluídas” de outros espaços.

Segundo Musskopf (2002), a expressão “igrejas inclusivas”, ou como popularmente são chamadas, “Igrejas gays”, tem, de fato, deixado de ser usada. De acordo com ele, a expressão “Igreja gay” sequer é adequada para o uso, pois não expressa a intenção do movimento de ser igreja.

Para além dessa discussão acerca da relação entre os termos “inclusivo” e “gay”, o pastor Marvel Souza (2020a, s/p) também chama a atenção para o seguinte fato: “muitas igrejas que se dizem inclusivas atualmente não exercem a inclusão plena... Acabam sendo igrejas exclusivas que ainda excluem determinados grupos do movimento LGBTQIA+”, como pessoas transexuais, travestis, etc. Ele esclarece, então, que existem muitas igrejas que se declaram inclusivas, porém não promovem a inclusão plena da diversidade humana, de modo que acabam por se tornarem exclusivistas, ou seja, pequenos guetos fechados para o público exclusivo de homossexuais que fazem parte dessas comunidades, enquanto outros grupos não.

A esse respeito, Edson Nascimento (2020, s/p) aponta que “a Igreja inclusiva ainda é excludente, e infelizmente age por conveniência”. Segundo ele, algumas igrejas atualmente têm excluído pessoas por ainda não se encaixarem nos seus padrões estabelecidos. Para o pastor, há uma dificuldade de diálogo com as igrejas que se autodenominam inclusivas e, quando o diálogo acontece, acaba não sendo produtivo.

Para Mônica Souza (2020b, s/p.) a igreja inclusiva possui uma multiplicidade de identidades: “a igreja inclusiva no geral tem várias identidades e formatos diferentes de acordo com cada denominação. Encontramos igrejas inclusivas que são pentecostais, tradicionais, neopentecostais, católicas, ecumênicas etc.”. Ela esclarece que existem diversas sub-vertentes dentro das igrejas inclusivas, que são espelhadas nas igrejas evangélicas

tradicionais. Para Marvel Souza (2020a, s/p), isso se dá pois “estamos ainda em um processo de construção de identidade do movimento de igrejas inclusivas no Brasil. Não temos uma identidade formada e solidificada ainda”.

Sendo assim, concluímos com a certeza de que as igrejas inclusivas em Goiás, e no Brasil, ainda estão no processo de construção de sua identidade institucional. Do ponto de vista histórico, elas são consideradas um movimento jovem, de duas décadas, e que ainda estão caminhando para a construção histórica de suas bases doutrinárias, teológicas e ideológicas. São igrejas que procuram incluir homossexuais no sistema religioso cristão, em moldes que muitas vezes são como reflexos das igrejas cristãs tradicionais, dando ao público LGBTQIA+ o direito de livre exercício de sua fé sem nenhuma condenação por sua sexualidade. O objetivo é levar essas pessoas à liberdade de expressão de fé, conforme a Constituição brasileira permite.

Para tanto, essas igrejas, como partícipes do mundo da modernidade tardia em que estamos vivendo, tentam estratégias de sobrevivência no mercado religioso, diante da concorrência entre elas mesmas e, principalmente, entre as igrejas tradicionais. Nesse contexto, as denominações inclusivas parecem ainda não terem conseguido total êxito em sua adaptação para essa competição. Dentro dos parâmetros da lei de oferta e procura do consumidor, muitas delas acabam fechando rapidamente.

São, portanto, igrejas que tendem a se reformular e, agora, após duas décadas de existência, estão encontrando sua própria linha de molde e suas características, dentro do mercado religioso. Podemos perceber, com base em nossas discussões, que fora do estado de Goiás existe a Igreja Comunidade Metropolitana, na cidade de São Paulo, que sobrevive oficialmente há cerca de 18 anos; a Igreja Contemporânea no Rio de Janeiro, que existe há 15 anos; e a Comunidade Athos de Brasília, que está também sobrevivendo há 15 anos. Essas, por serem mais antigas, vão se tornando referenciais para as igrejas mais jovens.

Contudo, ainda existem muitas fragilidades nesse contexto, conforme foi apontado anteriormente. Essas fragilidades causam retrocesso ou retardamento nos avanços das instituições de modo geral. Mas, assim como Onaldo Pereira (2020, s/p) afirma, “quanto mais coisas forem publicadas é melhor para essa memória da história da igreja no Brasil”. Em sintonia com esse pensamento, o reverendo Marvel Souza (2020a, s/p) declara que é preciso “prestar atenção naquilo que nos une não no que nos separa... sempre encontrar o ponto que temos em comum”. Isso não exclui a possibilidade de as igrejas se organizarem e se posicionarem estrategicamente para que o movimento se fortifique e sobreviva ao tempo. Os apontamentos que têm entrado em discussão como a

questão da existência de uma convenção e o debate sobre o termo “inclusão” já podem ser considerados pontos de partida importantíssimos para esse avanço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos perceber em um país considerado laico, todas as religiões e manifestações religiosas devem ou, pelo menos, deveriam ser respeitadas. Considerando essa concepção, o aumento da visibilidade do público LGBTQIA+ e o movimento midiático contemplando o tema homossexualidade e religião, há uma percepção mais abrangente da necessidade dos homossexuais de viverem sua sexualidade e atuarem por meio de seus talentos e dons como forma de reverenciarem suas divindades. Conforme Musskopf (2002), as Igrejas Inclusivas constituem perfis particulares em suas expressões religiosas. Para ele, tais igrejas são representação de uma tentativa de tentar harmonizar tanto as orientações sexuais como as identidades de gênero não heterocêntricas com as experiências de fé.

Esses fatores fizeram com que as Igrejas Cristãs Inclusivas fossem surgindo e, hoje, elas estão ao longo de mais de uma década conquistando um espaço na sociedade, fazendo crescer seus números de templos e fiéis. Nesses espaços religiosos, os homossexuais têm encontrando respostas e confortos interiores, o que talvez, atualmente, ainda não seja uma preocupação tão iminente para as Igrejas Cristãs que seguem as normas e crenças consideradas mais tradicionais. Todavia, acreditamos que isso poderá se tornar realidade em breve.

Notamos que as Igrejas Cristãs tradicionais ainda não estão tão abertas para essa discussão, talvez por não considerarem esse um assunto tão relevante. Ademais, é possível que existam certas instituições que, por medo de enfrentarem algo tão complexo e polêmico, preferem não discutir essa pauta em sua comunidade eclesial. Isso porque essas Igrejas Cristãs Tradicionais têm suas próprias convicções interpretativas da escritura sagrada, que são declaradas de maneira incisiva e teológica como sendo uma interpretação imutável, inerrante e infalível.

Diante desse fato, essa abordagem de questões de gênero e religião poderá ainda evocar discussões dentro das Igrejas Cristãs Tradicionais, assim que elas perceberem que precisam rever conceitos e se abrirem para diálogo quanto ao conhecimento acerca da sexualidade humana, em especial, sobre a homossexualidade. Embora as Igrejas Inclusivas não se declarem exclusivas para o público LGBTQIA+, na maioria das vezes, é composta

quase que em sua totalidade por esse público. Em vista disso, essas entidades trabalham com a afirmação em torno da orientação sexual.

Para Musskopf (2013), as Igrejas Inclusivas partem da premissa de uma discussão em torno do reconhecimento da sexualidade como parte integrante do seu direito de expressão de fé. Isso está ligado ao direito de liberdade religiosa e livre orientação sexual, o que, segundo Alan Brash (1998), é uma discussão que, antes de tudo, gira em torno de pessoas enquanto seres humanos, não apenas como seres que desempenham papéis em relação a alguma orientação sexual. Essas pessoas, inclusive, podem ser boas ou más, ou simplesmente boas e más ao mesmo tempo. O que não se pode negar, para Brash (1998), é que o debate sobre homossexualidade não se trata apenas de uma questão ideológica, mas humana, já que essas pessoas são seres humanos com capacidade comum e igual à de todos os outros. Por esse motivo, essas pessoas precisam e desejam também um espaço dentro das instituições para serem compreendidas, acolhidas e exercerem suas manifestações religiosas.

Ressaltamos que a homossexualidade é um dos muitos tópicos que a Igreja Cristã Tradicional precisaria rever de forma teológica e sociocultural para obter um novo posicionamento diante da sociedade LGBTQIA+, visto que a homossexualidade é ainda um tabu para muitos e um grande desafio para que as igrejas sejam, de fato, solidárias e vivam efetivamente o que é concebido como amor ao próximo. Entretanto, enquanto as igrejas tradicionais persistem em suas dificuldades em debater acerca do assunto, a inclusão dos homossexuais no espaço religioso já tem feito com que, no mundo e, inclusive, no Brasil, surjam novos segmentos religiosos como as Igrejas Cristãs Inclusivas. Sendo assim, percebemos que reconhecer a diversidade religiosa resulta no reconhecimento da diversidade de concepções e políticas relacionadas a identidades de gênero e orientações sexuais.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Aurélio de Melo. **Diversidade sexual e Igreja Anglicana**. Pastoral da Diversidade Sexual, Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Paróquia São Felipe, Goiânia, Goiás, fevereiro de 2011. Disponível em:

<http://pdsgoiania.blogspot.com/2011/02/diversidade-sexual-e-igreja-anglicana.html>. Acesso em: 2 mar. 2020.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado** - elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERGER, Peter L. **Os Múltiplos Altares da Modernidade**. Petrópolis-RJ, Ed. Vozes, 2017.

BRASH, Alan A. **Encarando nossas diferenças**: as igrejas e seus membros homossexuais. São Leopoldo- RS: Editora Sinodal, 1998.

FEITOSA, Alexandre. **Uma Breve História das Igrejas Inclusivas no Brasil**. Brasília-DF: Editora Oasis, 2018.

FERREIRA, Miriam Laboissiere de Carvalho. **Homossexualidade e a igreja inclusiva no Estado de Goiás**: Igreja Caminho da Inclusão – um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Goiânia: PUC/GO, 2016.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar, 2002.

GUIAME. **Após votação, Igreja Episcopal Anglicana do Brasil decide permitir casamento gay**. Guiame.com.br, 03 jun. 2018. Disponível em: <https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/apos-votacao-igreja-episcopal-anglicana-do-brasil-decide-permitir-casamento-gay.html>. Acesso em: 2 mar. 2020.

HERVIEU-LÈGER, Daniele. **O Peregrino e o Convertido**: religião em movimento. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

ICM RIO. **Nossa História**. Igreja da Comunidade Metropolitana do Rio de Janeiro (ICM RIO), s/d. Disponível em: <http://www.icmrio.com/a-igreja/nossa-historia/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

IEAB. **História da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil** primeiros passos do anglicanismo no brasil. Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB), s/d. Disponível em: <https://www.ieab.org.br/sobre/>. Acesso em: 2 mar. 2020.

MUSSKOPF, André S. **Uma brecha no armário**: Propostas para uma Teologia Gay. São Leopoldo: EST, 2002.

MUSSKOPF, André S. A relação entre diversidade religiosa e diversidade sexual: um desafio para os direitos humanos e o Estado laico. **Estudos de Religião**, v. 27, n. 1 • 157-176 • jan.-jun. 2013.

NASCIMENTO, Edson Santana do. **Entrevista concedida** a Fagner Alves Moreira Brandão. Aparecida de Goiânia-GO, 04 de julho de 2020.

NATIVIDADE, Marcelo. Igrejas Inclusivas Nascem da intenção de repensar a tradição religiosa. **El País Brasil**, 03 jul. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/29/politica/1469820936_254948.html. Acesso em: 12 fev. 2020.

PEREIRA, Onaldo Alves. **Entrevista concedida** a Fagner Alves Moreira Brandão. Rio Verde-GO, 10 de julho de 2020.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (org.) et al. **O Sedutor Futuro da Teologia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

SOUSA, Marvel de. **Entrevista concedida** a Fagner Alves Moreira Brandão. Taguatinga-DF, 02 de julho de 2020a.

SOUZA, Mônica Ferreira de. **Entrevista concedida** a Fagner Alves Moreira Brandão. Goiânia-GO, 01 de julho de 2020b.

RECEBIDO EM: 28/07/2021
PARECER DADO EM: 03/09/2021



www.revistafenix.pro.br